

UMA IGREJA E TANTO

1. A primeira igreja gentílica (Atos 11:19-30; 12:24-25; 13:1-3)

A história da igreja em Antioquia é impressionante por seus números e por suas realizações em favor do Reino. Foi a primeira igreja plantada entre os gentios. Até aquele momento, somente judeus faziam parte da Igreja, porque somente entre eles o Evangelho estava sendo pregado. Na época de Atos 13, era uma igreja com não mais que dez anos de existência. Dadas as características do seu *modus operandi*, ela tornou-se modelo para todos até hoje. É fascinante observar a vida daquela notável comunidade. Ela demonstra que se não é possível haver uma igreja perfeita (no sentido de isenta de erros e falhas), pelo menos é possível haver uma igreja sadia e madura. Havia uma sintonia extraordinária entre a liderança, a igreja e o Espírito Santo. Eles estavam sempre sensíveis à sua voz.

Observar detalhes de sua história é uma reflexão importantíssima, especialmente nesta época em que os próprios cristãos parecem estar se afastando da ideia de comunidades locais fortes, por acharem que igreja local é uma instituição descartável.

1. A fundação da igreja de Antioquia (11:19-21)

Estêvão não morreu em vão (v.19). Apesar de não ter tido o privilégio de ver o que aconteceu, a semente germinou e produziu muito. Nem sempre quem planta vê a colheita (I Co 3:6-7), mas Deus nunca permite que o martírio de seus servos seja perdido. Como é confortador saber que vale a pena investir nossa vida no reino de Deus, ainda que nem sempre nos seja permitido ver os resultados.

Aqui, começa a entrar em prática o que Pedro vira e aprendera no caso de Cornélio. Começa a ruir o preconceito e o Evangelho chega também aos gentios (v.20). Mencione-se que o custo foi alto para que a igreja chegasse aos confins da terra. Perseguição, sangue derramado e muita dor foram necessários para que a igreja em Jerusalém compreendesse que eles precisavam cumprir a ordem de “*ir por todo mundo*” que Jesus lhes dera antes de subir ao céu.

Antioquia é uma igreja plantada sem que qualquer dos apóstolos ou presbíteros de Jerusalém estivesse lá. Cada membro do corpo era um ministro autorizado a fazer a obra de Deus e levar consigo o Evangelho por onde quer que fosse (v.20). Na igreja primitiva os irmãos trabalhavam como uma equipe, não havia estrelas. Tampouco havia a distinção entre uma classe especial, chamada de “clero”, que era paga para fazer o que os demais não queriam fazer. Todos estavam envolvidos. Pregador o Evangelho não era uma tarefa profissional de alguns, mas um estilo de vida de todos.

Em pouco tempo, esta igreja já tinha aprendido a caminhar de mãos dadas com o Senhor (v.21). Não era à toa que os resultados aconteciam. Simplesmente números não devem nos impressionar. Mas quando a igreja anda em sintonia com o Senhor, o crescimento é muito mais que números. Este tipo de crescimento é o que devemos buscar.

2. A edificação da igreja de Antioquia (11:22-26)

Quando a notícia da fundação de uma nova igreja chegou a Jerusalém, os apóstolos imediatamente se mobilizaram para apoiá-la. Barnabé foi enviado até eles para ajudar e exercer o seu dom principal: “*ele os animou a permanecerem fiéis ao Senhor, de todo o coração*” (v.23). O melhor desta história é que o

ensino de Barnabé era corroborado por seu caráter e vida (v.24). É assim que se edifica uma igreja saudável.

A igreja foi humilde para reconhecer que não sabia tudo e que precisava de ajuda. Apesar de um bom desenvolvimento devocional e de serviço ela precisava de maior sustentação doutrinária. Nenhuma igreja sobrevive sem ensino consistente da Palavra. Ciente de suas limitações, Barnabé se lembrou de Saulo de Tarso e não hesitou em ir atrás dele e pedir ajuda. A esta altura, como vimos na aula anterior, Saulo já não era um neófito. Ele tinha pelo menos alguns anos de conversão. Aquele ano foi um período extraordinário de comunhão e crescimento para ambos. (v.26).

Um ano foi suficiente para ensinar a numerosa multidão. O bom ensino das Escrituras faz com que o povo se interesse pela Palavra e aprenda mais rapidamente. Eles reuniram a igreja e formataram nela uma mentalidade bíblica. Para conseguirmos o mesmo em nossos dias, é preciso que nosso ensino seja:

- a. Sequencial – que siga um currículo com começo, meio e fim.
- b. Prático – que possa ser usado no dia-a-dia das pessoas.
- c. Criativo – que gere interesse para que as pessoas queiram saber mais.
- d. Transformador – que modifique radicalmente a forma de viver dos ouvintes.
- e. Bíblico – que seja baseado inteiramente nas Sagradas Escrituras.

É extremamente significativo que Saulo e Barnabé tenham conseguido edificar uma igreja a ponto de ela tornar-se a primeira igreja missionária de alcance mundial em apenas um ano. Quanto tempo nós levamos hoje em dia para fazer com que uma igreja se torne madura na Palavra e capaz de praticar o que aprendeu?

O impacto da ministração de Saulo e Barnabé durante aquele curto espaço de tempo foi tão forte que de alguma maneira as pessoas perceberam Cristo na vida daqueles crentes. Foi por isso que em Antioquia pela primeira vez os discípulos foram chamados de “cristãos” (v.26). A expressão bem possivelmente tenha tido de início um tom zombeteiro⁷.

A reação de uma igreja madura à voz do Espírito (11:27-30)

Quando o profeta Ágabe veio de Jerusalém (v.28) e predisse uma grande fome que viria sobre o império romano, a igreja não se postou com orgulho ou indiferença, mas entenderam e acolheram aquela informação como vinda de um profeta do Senhor. Por causa disso, sua reação não foi apenas um “*vamos orar*”. Ao entender que seus irmãos seriam afetados, eles decidiram agir de maneira prática (v.29) e enviar ofertas⁸ aos irmãos necessitados. Eles não ficaram apenas na retórica, mas “*com efeito, fizeram*” (v.30).

Discurso correto não significa muita coisa. É a prática correta que importa. Uma igreja edificada sobre a Palavra tem a reação adequada aos acontecimentos e age de acordo com o que aprendeu ser o certo. Isso se comprovaria mais tarde quando Deus chamou a Barnabé e Saulo para sua primeira viagem missionária.

⁷ “Cristão” que dizer “pequeno Cristo”, uma alusão desdenhosa ao fato de que aqueles homens e mulheres acreditavam na história na pessoa de Jesus como o Messias, o Filho de Deus, morto e ressuscitado. Esta era a essência da mensagem dos cristãos.

⁸ Recursos financeiros

3. As características da igreja de Antioquia (13:1-4)

É impressionante observar a maturidade daquela igreja, demonstrada em detalhes da narrativa de Lucas. Como seria agradável que as igrejas hoje em dia, algumas quase centenárias, apresentassem as mesmas marcas.

- a. Igreja de liderança forte (v.1). Havia, ali, “profetas e mestres” além de Saulo e Barnabé. Pelo menos mais três nomes são mencionados: Simeão Níger, Lúcio de Cirene e Manaém. Embora não saibamos muitos detalhes sobre estes outros homens, o que sabemos é que a voz do Espírito começou a ser ouvida pelos pastores da igreja. Quando isto acontece, a benção acaba chegando sobre toda a igreja.
- b. Igreja de fortes práticas devocionais (v.2,3): adoração, jejum e oração. Estas coisas faziam parte da vida e do estilo da igreja. Eles tinham como prioridade a sua relação com Deus. Igreja para eles era lugar de encontro com Deus e isto se manifestava na forma como a igreja se reunia e se espalhava. A busca pelo Senhor era uma das ênfases mais fortes em Antioquia.
- c. Igreja sensível à voz do Espírito (v.2). Não sabemos de que maneira o Espírito falou. Tudo o que sabemos é que a igreja ouviu sua voz. A igreja que quer fazer diferença precisa aprender a prestar atenção à orientação do Espírito Santo, que continua falando às suas igrejas até hoje (Apocalipse 2:7; 11; 17; 29; 3:6; 13; 22).
- d. Igreja de visão (v.3). Eles sabiam da importância daqueles dois homens para sua comunidade. Já tinham sido muito abençoados pelo seu ministério e certamente gostariam de continuar contando com eles. No entanto, ao serem solicitados a “*separar Barnabé e Saulo para a obra*” a que Deus os tinha chamado, eles não pensaram duas vezes. Em atitude de jejum e oração, simplesmente “*os enviaram*”. Com este ato, estavam afirmando que se dispunham a abrir mão de seus melhores recursos para abençoar a outras cidades e povos.
- e. Igreja de responsabilidade (v.3): “*Impor sobre eles as mãos*” significava identificar-se com eles, assumindo, naquele caso, que dariam seu apoio à causa daqueles missionários. Eles não estariam sozinhos no campo. Teriam o suporte da igreja que ficava em Antioquia.

2. Enquanto isso em Jerusalém... (Atos 12:1-23)

Ao mesmo tempo em que a igreja se espalhava para outros cantos do mundo, a vida prosseguia entre os crentes de Jerusalém. E não era uma vida tranquila, de reuniões aos finais de semana em confortáveis templos acarpetados. A realidade que eles enfrentavam agora era duríssima (v.1). A perseguição se tornara aberta, declarada e começou a contar com o apoio dos romanos. Preocupados com a instabilidade que o Cristianismo começava a causar ao império, devido à conversão dos ídolos (incluindo o culto ao imperador) para um Deus único, os governadores começam a tentar sufocar o movimento, que para eles era apenas mais uma das inúmeras confusões étnicas e religiosas que os judeus estavam acostumados a causar. Ainda não levavam a sério o que a Igreja representaria para o mundo. Nem por isso a igreja recuava ou ficava reclusa. O trabalho prosseguia, apesar de toda a oposição e ameaças, que agora já se concretizavam no martírio, prisões e maus tratos.

A vez de Tiago

Ele foi o primeiro entre os apóstolos a beber o cálice, como tinha afirmado a Jesus (Marcos 10:35-40). Quando teve esta conversa com o Senhor, talvez não tivesse ideia do que estava falando

ao dizer que poderia identificar-se com Ele dessa maneira. Quando chegou a hora, porém, ele estava preparado para enfrentar a morte por amor ao seu Senhor.

O martírio de Tiago foi um golpe duro na liderança apostólica. Aparentemente a tática era de tentar dissolver ou eliminar a liderança da comunidade cristã na tentativa de fazer o movimento se dissipar. Por isso, além de matar a Tiago, Herodes prende a Pedro. Mas Deus tinha outros planos. Pedro tinha uma promessa de que morreria idoso e ainda tinha coisas a fazer. Como Jesus havia ensinado naquela conversa na praia em João 21:18-22, a decisão de quanto tempo cada um de nós terá para servi-lo neste mundo é de competência exclusiva da Soberania divina, não cabendo nenhuma explicação aos servos.

Uma igreja que caminhava de joelhos

A igreja levanta uma “*oração incessante*” em favor de Pedro (v.5). Pedro estava preso, mas o poder de Deus não se deixa aprisionar. Através da oração, toda e qualquer situação ou circunstância pode chegar ao trono da Graça. A reunião na casa de Maria⁹, uma das muitas onde os irmãos de Jerusalém se reuniam (v.12), conseguiu “*congregar muitas pessoas*”. A frequência à uma reunião de oração é um dos melhores indicadores da saúde de uma igreja local.

A oração do povo de Deus rapidamente apresentou seus resultados: Pedro foi libertado através de uma ação sobrenatural de Deus (v.9-11). O apóstolo, por sua vez, estava tão tranquilo que dormia pesado, como se estivesse em sua própria cama. Ao ver-se livre, ao invés de fugir, seu primeiro desejo foi de reunir-se com seus irmãos. A reação deles demonstra que eles eram pessoas normais, como todos nós: ao mesmo tempo em que oravam fervorosamente em favor de Pedro, não conseguiam acreditar no recado de Rode. Acharam que era o seu anjo¹⁰, Porém neste caso a suposição era absurda. O que teria vindo fazer o anjo de Pedro, sozinho, no portão?

A presença e ação de anjos são constantes no livro de Atos. Eles são “*espíritos ministradores*” (Hebreus 1:14) que atuam em favor dos servos de Deus. Mas em momento algum vemos a igreja fazendo desta ministração angelical um motivo de marketing, celebração ou algazarra nas reuniões do povo de Deus. Anjos simplesmente ocupavam seu papel e a igreja simplesmente encarava isto como uma coisa normal. Nenhum destaque jamais foi dado a eles, apenas às suas mensagens ou orientações, que eram tidas como vindas do próprio Deus (Salmo 104:4).

Deus mostra quem está no controle

Este Herodes (v.20-23) era o Agripa I, neto do Herodes que reinava quando Jesus nasceu. Tendo seu ego insuflado pela conquista diplomática entre seu governo e os habitantes de Tiro e Sidom, Herodes cai de cabeça na armadilha da popularidade. Aclamado como deus, aceita a honraria. Seu destino não poderia ter sido pior. Se Deus não aceita dividir Sua glória nem mesmo com seus servos mais fieis (Isaías 42:8), que se dirá de um monarca profano e perverso com Herodes! Ele é acometido de uma súbita doença e, segundo o historiador Josefo, morreu cinco dias depois.

É Deus, não Roma, quem estava no controle do mundo. E é Deus quem continua no comando da História até os dias de hoje e para sempre.

⁹ A igreja primitiva reunia-se em casas. Eles não tinham espaço nem tempo para construir as catedrais e os locais específicos de culto que viriam depois, coincidindo inclusive com um período de deterioração do Evangelho no mundo. Cumpria-se aqui a palavra de Jesus à mulher samaritana: o lugar de adoração passaria a ser o coração daquele que coloca Deus em primeiro lugar (João 4:21-24).

¹⁰ Subentendido, “anjo da guarda”. Esta ideia de termos um anjo protetor, apesar de soar estranha, é mencionada em outras passagens das Escrituras, como Mateus 18:10, Salmo 91:11, Jó 33:23-24; Gênesis 48:16 e Salmo 34:7.